

# Banheiro

ICARO MACHADO RIBEIRO

REVISTA MEMÓRIA LGBT

ISSN 2318-6275

V.12 N.1 ANO 2026

O banheiro é o único lugar em uma casa onde você pode se despir por completo sem ser julgado. Digo, é um lugar onde os corpos deleitam-se em nudez, dando espaço para a engenhosa corrente de água que transborda o corpo purificando a alma. Sim. O banho é algo extremamente libertador. A verdade é que o banheiro carrega consigo uma discricção inabalável. Um local *biparticular* útil na casa, onde algumas das nossas necessidades fisiológicas humanas são realizadas. Um lugar individual. Privado. Mas, acima de tudo, um lugar extremamente libidinoso.

Investidas. O “prazer em suas mãos” ou até um prazer solitário. Quando a criança descobre o deleite do tocar-se, aflora-se nela uma incansável vontade de se masturbar, principalmente se você for um homem biológico — a sociedade pede muita sexualidade do homem, por isso, ela investe muito nisso ao aceitar e promover o prazer masculino “tudo em todo lugar a todo momento”. E, na maioria das vezes, é no banheiro que isso acontece.

Lá, alheio ao mundo, porta trancada e água corrente, a mão ensaboa o corpo em coreografadas fricções que, além de limpar, dá prazer ao corpo profano que se higieniza com o sagrado. A pele é o maior órgão sexual, você sabia? A espuma aromatizada expelida pelo sabonete em fricção com a pele mistura-se à dosagem lactante lançada à cuspes pelos impulsos no ápice da excitação. Quem nunca se masturbou no banheiro?

Toda a região da epiderme ou da mucosa, ao ser excitada, procura uma sensação de prazer. Qualquer zona da pele pode servir de zona erógena, apesar de existirem zonas de eleição.

A verdade é que o banheiro enquanto agente foi sempre um ótimo para se guardar segredos. Um lugar silencioso onde tudo se pode confiar. Lá em casa não se podia tomar banho junto. Para se ter uma ideia, nem perambular pela casa sem camisa podia. O corpo deveria estar sempre coberto. Preso. Longe do deleite. Éramos muito religiosos, e a minha mãe sempre acreditou que o sexo era uma coisa de casal, duo; e tudo aconteceria só depois do casamento. Logo, eu só saberia de sexo depois de me casar. O que até hoje não aconteceu. Ainda não casei. Mas já sei transar...

Na escola, terceira ou quarta série, o banheiro era ponto de encontro dos meninos no recreio. Eu não sabia o porquê, e muito menos como chegamos a esses encontros matinais no sigiloso lugar: o banheiro. Mas eu lembro que lá era um antro perfeito para as descobertas do “em segredo”. Todos que estivessem presentes tinham de participar. Era uma lei irrevogável. O sinal tocava, eu corria e ia merendar, e depois, faltando

# Banheiro

ICARO MACHADO RIBEIRO

REVISTA MEMÓRIA LGBT

ISSN 2318-6275

V.12 N.1 ANO 2026

cerca de cinco minutos para o término do recreio, lá estava eu no banheiro masculino. Eu e mais cinco meninos da mesma idade. Tocando-se em deleites. Algumas vezes nos esfregávamos uns nos outros. Tudo era muito rápido. Nem tirávamos a roupa, nem nada. Passados os cinco minutos, íamos para a sala de aula. Nada tinha acontecido. E, no outro dia, íamos de novo. Nem sempre os mesmos, nem sempre os cinco. Mas sempre no banheiro da escola.

Com o tempo, quatorze ou quinze anos, fui percebendo que o banheiro era um lugar que despertava libido em mim. Um ambiente despido. O único lugar onde os homens grandes iam, sacavam o seu pênis para fora das roupas e mijavam. Sim. O banheiro, acima de qualquer libido, é um lugar onde as necessidades são saciadas. E tudo era uma necessidade ali.

Ainda lembro da minha primeira vez. Eu estava bem apertado, louco para fazer xixi. Eu morava muito próximo de uma feira de frutas, verduras e afins que acontecia semanalmente no centro da cidade. Nessas cidadezinhas, é muito comum que as crianças mais crescidas ajudem os pais com o trabalho na feira. E sempre tinham muitos homens na feira.

Entrei no banheiro e me direcionei para o mictório. Tratava-se de um banheiro coletivo. De rua. Todos usavam. Era mijo fluvial. Entrando no banheiro, botei o meu pequeno pênis para fora. Ainda sem pelo. Liso. Era moleque ainda. E, antes de dar a largada na mijadeira, entra um segundo rapaz. Seus dezenove, ou vinte anos. Encostou próximo a mim, e já em seguida sacou a sua genitália. Era grande, branca roseada, cingida por pelos pubianos em tons de preto encaracolados. Não tinha como não ver. Estávamos próximos demais. Tensão. Mesmo chegando depois de mim, ele começou a urinar primeiro que eu. Não sei, mas é que até hoje tenho dificuldade de mijar com alguém vendo. Mas ele não.

Confesso que por vezes o fitei enquanto fazia o serviço. Durou cerca de quarenta segundos a mijadeira. Eu e ele, sozinhos no banheiro. Na ocasião, não pude deixar de perceber o seu pênis tomando forma, crescendo entre a sua mão. Grosso e cada vez maior, ele pulsava. Aos balanços, na tentativa de secar o mijo, o rapaz intercalava o olhar entre os meus olhos e o pênis endurecido dele. Parecia um convite. Sei lá. Um “quer segurar também?”. Não durou mais que dois minutos. Concentrei-me e consegui mijar. Sai logo em seguida.

Banheirão. É esse o nome. Descobri um tempinho depois, conversando com os meus amigos. O banheirão é uma prática sexual comum entre os homens, sendo eles assumidamente gays ou não. É quando você frequenta banheiros públicos que

# Banheiro

ICARO MACHADO RIBEIRO

REVISTA MEMÓRIA LGBT

ISSN 2318-6275

V.12 N.1 ANO 2026

geralmente possuem um fluxo de pessoas e que seja configurado por uma geografia propícia para o ato. Sim. Parece-me que era estratégico ir ao banheiro observar os pênis dos mais velhos. Fui por várias vezes: rodoviária, shopping, shows, na feira. Todos os lugares eram propícios. Todos tinham libido. Tudo em descrição. Sem diálogo. Era apenas eu; os transeuntes assíduos e o banheiro escondido.

Isso me faz querer dizer que a sociedade tem de lembrar que o sexo é um ritual de prazer e não uma performance do ego. Mas isso então definiria o sexo — enquanto sistema de prazer — como uma relação “restritamente” biológica onde todas as zonas erógenas seriam os grandes templos do prazer no corpo humano, certo? Mas é justamente esse nosso objeto de prazer/desejo que o ocupa esse papel de “guardião” do templo (corpo), não numa perspectiva de cuidador, mas numa ótica de agente estimulante.

Pensando nisso, as nossas memórias sexuais — nossos traumas vividos, a moral social internalizada e heranças genéticas — são algumas das fórmulas (investidas) para acessar esse templo de prazer. Logo, a figura do objeto de prazer pode ser entendida como esse indivíduo que detém o poder de ser o “maestro” que rege a nossa partitura do prazer: memórias sexuais. Nessa economia do gozo, todos os lugares onde nos colocamos falam sobre como aprendemos de nós. A civilização é fruto da repressão, mas só o Homem é capaz de dançar para além do princípio do prazer.

---

\*Recomenda-se assistir ao filme *Plainclothes* (2025), novo filme de suspense queer. A história se passa em 1997 e gira em torno de Lucas (Tom Blyth), um policial que recebe a tarefa de atrair e prender homens gays no banheiro de um shopping. A missão dele é fingir interesse em outros homens e, aqueles que retribuam, acabam sendo presos.



Figura – Pichações em banheiros: os corpos que se expressam em riscos ao se arriscar em espaços públicos | IMAGEM : SORA IA